

# Autonomia



*Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper<sup>1</sup> nos fala sobre termos e mentalidades:  
Autonomia*

Original: [educacion.press/2017/05/05/terminos-y-mentalidades-autonomia/](http://educacion.press/2017/05/05/terminos-y-mentalidades-autonomia/)

Hoje em dia, a **autonomia** é um dos grandes termos com os que se expressa uma **condição a alcançar**, já que imprescindivelmente tem que dar-se para que a pessoa se desenvolva. De fato, inclusive parece que o próprio desenvolvimento se caracteriza sob o princípio da autonomia. E por isso se diz: a criança já controla seu corpo e pode andar sozinha, comer sozinha, vestir-se sozinha... A palavra autonomia, assim entendida, forma um mundo de significado com outras duas: **o controle e a independência**.

---

<sup>1</sup> *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*

Há psicólogos atuais, bem famosos, que propõem a autonomia como chave para o desenvolvimento. O objetivo: **chegar a ser autônomo por um processo de liberação de condicionantes**, em que o eu vai tomando domínio, e expande a sua maestria não somente sobre o que lhe rodeia, senão sobre si mesmo. O eu, que no final não se sabe o que é, é quem tem o domínio de tudo e é autônomo. Uma espécie de processo de purificação. Assim, esse eu vai se autodeterminando. Inclusive, dá no mesmo o que autodetermine, desde que seja ele quem o determine, enquanto seja 'auto', bem determinado está.

E alguém poderia se perguntar: por que este fardo da autonomia e a sua família de termos? Realmente, isso é autonomia? Autonomia é um conceito e, como conceito, com ele expressamos o condensado ou o resumo de uma experiência vivida junto com a compreensão da mesma. Isto abre a possibilidade de que exista outra forma de entender a autonomia. Ademais, de onde vem essa doentia obsessão por ser independente, quando o ser humano é o que é precisamente por ser um ser de relações? Estritamente falando, uma pessoa independente está morta, e se não o está, pouco lhe falta. **O ser humano cresce precisamente através e nas relações interpessoais que estabelece.** Assim, pois, fomentar essa obsessiva paixão pela independência só leva a adoecer pessoas sãs.

A pergunta: De onde vem essa obsessão pela independência? - deixo para outro artigo. Neste, nos centramos em **qual é o verdadeiro sentido da autonomia**. O sentido que poderíamos chamar natural. Para isso, voltamos a nos centrar na brincadeira da criança, mas esta vez nos centramos na brincadeira da criança com o pai ou a mãe. De que brinca a criança com o pai ou a mãe? De qualquer coisa, a criança, contanto que esteja com seus pais, brinca de qualquer coisa, e tudo o que faz a criança funciona como uma brincadeira. **Brincar e viver não são coisas distintas na criança e assim deveria ser no adulto** (sei que esta última afirmação necessita explicação, mas deixemos no ar neste momento para não desviar do tema). Dizia que a criança brinca de qualquer coisa (ou quase tudo), contanto que brinque com seus pais.

Uma brincadeira tem normas. As normas estão 'acima', porque tanto a criança como o pai/mãe estão 'abaixo'. Mas as normas também estão 'abaixo', pois as normas são normas precisamente porque servem para que os jogadores possam se encontrar. E o jogo só tem um fim: o desfrute do encontro interpessoal. **Erikson dizia que o desafio da autonomia surge entre um ano e meio e os três.** Os números não são algo automático, senão que, passado o ano e meio, a criança já pode tomar a iniciativa em muitas coisas e ganha em expressividade corporal e posteriormente linguística. Ou seja, a criança se surpreende de que ela pode ser agente, pode ser autora. Antes de um

ano e meio, a criança espera, ou seja, sente necessidades e tem que esperar, como caída do céu, que alguém venha a resgatá-la.

Nessa época, a criança tem pouca margem para mostrar-se como autor e agente. Mas no intervalo 1,5 – 3 anos, a criança poderá mover-se, correr, falar e a sua interação com o adulto dispara. Se a sua relação familiar é sã, a atração que sente a criança pelo adulto lhe fascina e quer desenvolver essa agência para dar ao outro o que ela acredita que espera dela. Disso decorre que os psicanalistas proponham que é a época de controle dos esfíncteres. Mas, voltemos à brincadeira. A criança está maravilhada porque ela já começa a desfrutar de certa autonomia, ou seja, pode usar a sua agência para interagir com o adulto, cumprindo algumas normas sociais (pois todos estão sob normas) e assim desfrutar brincando. A autonomia é precisamente a capacidade de agência para, respeitando as normas sociais, desenvolver uma atividade significativa para o adulto e o encontro. Por certo, isto já disse Piaget, ao falar da brincadeira da criança.

Vista assim, a autonomia não tem nada a ver com a independência, senão com a agência. Não tem a ver com a independência, pois a autonomia é precisamente o que permite interatuar com o outro. A independência no ser humano, já o tenho dito, é patológica.

Assim entendida a autonomia, se entende que Erikson proponha que, se não se resolve bem este desafio, a criança entra em vergonha e dúvida. Se o adulto ou a criança não respeitam as normas, se o encontro não é satisfatório, não se alcançará a autonomia. De fato, Erikson sinalava que encontrava certa relação entre as pessoas que, de adultos, não cumprem normas sociais, como, por exemplo, pagar impostos, e os que de pequenos não puderam alcançar a autonomia de agência na brincadeira com adultos. É normal. Se a criança, desde pequena, aprende que as normas não servem para o encontro, senão para o abuso de poder do adulto, pensará quando crescer que as normas, como pagar impostos, são também abusos de quem ostenta o poder. Se, desde pequena, a criança é imbuída de uma mentalidade, esta mentalidade estará presente em toda a sua vida. Não nos esqueçamos que a criança é o pai do adulto.

Por favor, sejamos sãos, deixemos a obsessão pela independência, porque um ser humano sozinho é um ser humano morto e propiciemos uma sã autonomia, onde as pessoas descubram que podem ser um agente para a construção social.